



Pe. Daniel Nascimento | Assistente Nacional

«EIS A ESCRAVA DO SENHOR; FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A TUA PALAVRA» (LC 1,38)

Recentemente confrontámo-nos com uma série de polémicas opiniões sobre o papel da mulher na nossa sociedade, valorizando alguns o tradicional papel de dona de casa e garante da harmonia familiar, o que logo despoletou acérrimas reações contrárias. Neste contexto, a afirmação acima, tirada do episódio da Anunciação, parece estranhamente provocatória: uma mulher, Maria de Nazaré, diz-se «escrava»! Que linguagem é esta? Será que o Novo Testamento não é afinal assim tão novo como isso, na medida em que veria a mulher como uma escrava, uma serva, uma pessoa sem autonomia para se aventurar nos caminhos da vida e da autorrealização, devendo apenas sujeitar-se passivamente aos ditames da divindade e, por extensão, do senhor seu marido? Será que Nossa Senhora não é mais um modelo imposto pela sociedade patriarcal que é a Igreja, para remeter as mulheres às tarefas domésticas, propondo-lhes um modelo de vida exclusivamente bifurcado entre a virgindade e a maternidade?

A resposta cristã é muito clara: um rotundo não! Ao atravessarmos mais um mês de maio, tradicionalmente dedicado a Maria, devemos estar bem conscientes da proposta espiritual que o Senhor nos faz, por intermédio da nossa Mãe que é Maria. E para isso volto ao momento da Anunciação, quando o Arcanjo Gabriel desce à obscura aldeia de Nazaré para levar uma Boa Nova a uma jovem rapariga, e permito-me cruzar esse momento-chave das Escrituras com a algo polémica frase do nosso triénio: «Sê quem tu quiseres». Esta aparentemente absurda mistura serve-me para retratar uma das coisas mais bonitas da vida de Nossa Senhora, que é o carácter absolutamente gratuito do seu sim!

A mensagem do Anjo, a saber, que Deus a tinha escolhido para Mãe do Salvador, não é apresentada mafiosamente como uma proposta que não pode ser recusada. Ao invés, é na sua liberdade que Maria se entrega à palavra de Deus, porque soube que o seu “querer” encontraria aí a sua plenitude! É este o significado desta escravidão em termos cristãos: escrava (de Deus, não dos homens) é a pessoa que entrega a sua vida por amor, não a que perde a sua liberdade.

Deste modo, Nossa Senhora ensina-nos a sair de “quereres” egoístas que não levam a lado nenhum, para podermos chegar a querer o que Deus quer! «O que queres de mim, Senhor?», é, portanto, a pergunta-chave na vida do cristão, que deve - só pode ser - respondida na liberdade de quem poderia eventualmente trilhar um outro caminho. «Sê quem tu quiseres», lido em modo mariano e escutista, é então estar à escuta, estar alerta, para escolher o melhor



Foto: António Rendeiro

caminho! Não necessariamente o que me “apetece” agora; mas o que me vai levar ao Bem!

No Portugal de hoje, graças a Deus, temos muitas mulheres que podem escolher o que podem ser em liberdade, e serão tão mais felizes quanto mais a sua escolha livre corresponder ao plano de salvação que descobrimos em Jesus. No CNE, graças a Deus, muitas mulheres fazem hoje parte, não apenas de bandos, patrulhas, equipas e tribos, mas também lideram e apontam caminhos. E se é verdade que temos um Ivo, e não uma Iva, como Chefe Nacional, temos também a possibilidade de agradecer, por exemplo, a liderança da Ana Margarida, da Catarina, da Diana, da Sandra, da Sofia e da Telma nas nossas regiões. Eis um belo exemplo de «escravas do Senhor», que souberam dizer «eis-me aqui» a uma proposta concreta de serviço ao Escutismo e à Igreja! Que venham mais destas “donas” da nossa “casa” escutista! ■